

É POSSÍVEL CRIANÇAS FILOSOFAREM?

DIEGO GRECCO PEREIRA

Graduando na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia do curso de Licenciatura em Filosofia no 6º semestre. E-mail: diegogrecco2000@hotmail.com

ADRIANA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

Graduanda na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia do curso de Licenciatura em Filosofia no 6º semestre e pesquisadora do projeto de pesquisa intitulado "O Ensino de Filosofia em Amargosa e no Vale do Jiquiriçá". E-mail: dry_smile@hotmail.com

PRISCILA ANDRADE DAMASCENO

Graduanda na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia do curso de Licenciatura em Filosofia no 6º semestre. E-mail: priscila.black@hotmail.com

Introdução

Atualmente no Brasil e no mundo, buscam-se pessoas crítica e inovadora, aberta a novidades para que com isso façam transformações em determinadas situações desesperadora, por exemplo: guerras, atentados, pobreza e etc. É pensando sobre esses problemas, que entra a participação das crianças. Sua curiosidade em querer descobrir novas experiências, através da fase dos "porquês", faz com que conheçam mais.

Mas para entendermos o papel da criança junto com a filosofia é preciso entender o modelo de educação que temos, e como está sendo a filosofia no Brasil e se tem possibilidade da criança ter uma disciplina como filosofia no seu currículo escolar. Para que com isso possamos abrir uma discussão entendendo e refletindo as possíveis reflexões sobre o estudo em questão como, por exemplo, pensar na pergunta: a que leva o título desse texto se "É possível crianças filosofarem"? O principal objetivo dessa pesquisa é desvendar essa problemática e, se possível, e como o estudo da filosofia pode dialogar com a fase criança para tal intento seguimos a teoria que Lipmann propõe.

A Filosofia para Crianças e Seu Contexto no Mundo

A partir da década de 1960, em Nova York, Matthew Lipmann começa seus primeiros trabalhos com filosofia para crianças através de suas novelas filosóficas, com uma vontade de comprovar que a disciplina filosofia era para todos os públicos. Quanto a nós brasileiros a filosofia para criança foi implantada com a sua seguidora Catherine Young Silva, na cidade de São Paulo em 1985 fundando o Centro Brasileiro de filosofia para crianças (CBFC). E com isso nos deparamos com a seguinte pergunta: será que a filosofia para as crianças, ajudaria no fortalecimento das discussões sobre temas antes feitos somente pelos adultos? A filosofia no Brasil aos poucos vem ganhando força e com essa força várias questões estão sendo solucionadas para quem resolve praticar as leituras filosóficas e o ato de filosofar. Mas, antes de a filosofia chegar ao Brasil, lá fora já possuía os seus méritos.

Alguns pesquisadores da área de filosofia para crianças, e o próprio Lipmann comprovam que podem aprender sim e melhor ainda pelo método que as crianças mais gostam: por meio de brincadeiras, princípios e discussões com as crianças, vinculado ao contexto social vigente. Mostrando assim que filosofia não é só para a modalidade, Ensino Médio, mas também todas as faixas etárias.

É o que explica Lipmann na seguinte comparação entre crianças e filósofos. Segundo Lipmann:

A capacidade de se maravilhar com o mundo. Os filósofos levam esta capacidade de maravilhamento às últimas consequências, descobrindo e investigando os problemas da experiência humana. As crianças ficam intrigadas com os mesmos conceitos problemáticos, ou seja, colocam-se questões sobre a verdade, as regras, a justiça, a realidade, a bondade, a amizade. (LIPMANN, 1995).

Nesse processo as crianças, como estudantes, podem ter o pensamento diferente, sabendo entender as situações no cotidiano

dos adultos e no seu próprio cotidiano, como, por exemplo: falar sobre paz, amor, justiça, família, classes sociais entre outras coisas. Um exemplo de filosofia para crianças já foi abordada na televisão no canal cultura, da TV Cultura de São Paulo, nos anos de 1991 e 1992 uma criação de Flávio de Sousa. Nesse programa chamado de Mundo da Lua retratava a história de um garoto chamado Lucas, que ganhou um gravador quando tinha dez anos, ele inventou uma emissora de rádio de brincadeira, onde discutia temas que os adultos não conseguiam explicar através da sua imaginação, desvendando assim todos os segredos e mostrando que ele era capaz de aprender de um modo diferente.

Depois de dois anos no ar teve sua continuação mais somente com cinco episódios, as quais foram passadas na Rede Globo de televisões. Pensando nesse seriado, Lucas é como um dos personagens criados por Lipmann. Entre eles, Pimpa, que passa por diversos problemas para entender determinadas situações e problemas que acontecem como no dia-a-dia como, por exemplo: A primeira relação amorosa. E logo após de a criança ler uma das novelas filosóficas e poder observar que aquele personagem é de sua idade, vai querer refletir da mesma forma que foi resolvido determinado problema.

Essas histórias são chamadas de novelas filosóficas que auxiliam os professores e alunos, sobre a maneira correta de filosofar com as crianças de faixa etária com média de 5 a 12 anos de idade e séries do ensino fundamental I e II nas escolas particulares e públicas, criando assim uma pedagogia formada, inovadora e bem a frente do seu tempo, criando rodas de discussões e reflexões intituladas por Lipmann como uma Comunidade de Investigação.

Para se entender melhor sobre a temática, Lipmann em seu estudo selecionou quatro habilidades:

- a) Habilidades de raciocínio: inferir, comparar, identificar semelhanças e diferenças, contrastar, dar razões, definir, aplicar critérios, detectar pressupostos, ambiguidades, contradições, etc.

- b) Habilidades de investigação: observar, problematizar, formar hipóteses, verificar, provar, mesurar, descrever, sintetizar, concluir, etc.
- c) Habilidades de formação de conceitos: estabelecer relações de parte-todo/meio-fim/causa-consequências, definir, generalizar, etc.
- d) Habilidades de interpretação ou tradução: parafrasear, narrar, descrever, interpretar, perceber implicações.

É possível crianças estudarem e aprenderem os estudos filosóficos, como o próprio autor demonstra em seus estudos, desmistificando o pensamento retrogrado de algumas pessoas que acham que isso nunca será possível, pois as crianças são inocentes e incapazes de pensar sobre determinados assuntos que giram em torno do universo adulto.

Tudo começa com apenas uma palavra, uma pergunta, o por quê? Todas as crianças têm costume de perguntar sobre qualquer coisa o tempo inteiro. A filosofia não é muito diferente, todos tendem a se perguntar ou questionar sobre algo. Isso não quer dizer que as crianças filosofam quando faz essa pergunta, ao contrário, elas apenas usam o método investigativo para chegar alguma resposta, coincidentemente o que todos fazem.

Toda criança é curiosa, percebe coisas que adultos nunca tivera percebido, adoram histórias e contos. O mito da caverna uma obra grandiosa da filosofia clássica de Platão permite mostrar vários aspectos a respeito de diversos assuntos, entre eles a prisão, não a mesma que estamos acostumados a ouvir, prisão essa que todos estão sujeitos a se submeterem. A educação infantil pode não compreender que forma é essa, mas a história mostrada através de vídeo prende a atenção dos alunos e dá um sentido norteador, os mesmos podem não ver o sentido filosófico, porém narra todo o conto com um novo olhar e pontos talvez ainda não muito discutidos.

Segundo um comentário de Ghiraldelli Jr em seu blog, com uma nota: Filosofia para crianças? Ele deixa claro uma possibilidade para essa inovadora ideia.

Um filósofo é alguém que conhece sistemas éticos e noções de estética; ora, não é difícil para ele elaborar problemas nesse campo que podem ser entendidos pelas crianças. E mesmo questões metafísicas, em especial as que lidam com os temas sobre Deus e nós, linguagem e mundo, mente e cérebro e outras similares podem ser adaptados para a curiosidade infantil. (GHIRALDELLI, 2008)

Até nas obras mais conhecidas como nos livros de Monteiro Lobato, Histórias da Disney, e diversos desenhos televisíveis, o professor pode fazer um leque aos temas de filosofia. Uma das melhores maneiras de ensinar a uma criança é usar os meios que elas, mas gostam intercalando com o que o professor quer passar, ou seja, o que mais diverte as crianças e chamam sua atenção juntamente com assuntos diversos.

O educador pode ter dificuldade por não ter habilidade com a área, não ter formação em licenciatura de filosofia, todavia, o importante é ter uma paideia e saber o significado de Sofia, em outras palavras, sabedoria. Saber ensinar é uma dádiva quando se gosta e tem amor, a filosofia é amor à sabedoria.

Na alfabetização a criança pode compreender a filosofia, pode não ser com esse mesmo nome, mas a prática sim. Como se comportar no meio social, ou seja, em sala de aula com seus colegas de classe, entender e fazer uso da ética, respeitar o próximo, entre outros assuntos que nesse período é passado para a criança. Sem contar que há outras disciplinas que os possam interagir com diversos assuntos. Na matemática temos a curiosidade em relação aos números, conjuntos e outros, e que poucos sabem que muitas coisas que aprendemos nessa área foi descoberta por filósofos, e isso não é discutido em sala de aula, a química e física não é diferente. A criança apenas não conhece nesses termos, pois ainda é imaturo para

determinadas ações, mas se a escola começar a discutir com frequência, concerteza a imaturidade passará para um bom aprendizado.

As crianças tem uma grande facilidade de aprender tudo que ver e ouve, é nessa idade que deveria transmitir os diversos conhecimentos possíveis, não somente nas escolas particulares como o inglês, mas em toda a rede pública. Como o assunto é inovador, parece que é algo impossível, por que não pensar na possibilidade já que o momento é propicio novas reformas estão acontecendo. Como deverá estruturar-se o ensino de filosofia? A filosofia não deve transmitir conhecimentos feitos mais impõe questionamentos, debates capaz de ministrar conceitos esclarecedores, o professor ensina o aluno, conduz através do interrogatório que faz o aluno descobrir a conclusão.

A primeira condição do professor seja ele de filosofia ou de física é desde ao entrar ou ao sair da sala despertar ao aluno hábitos de espírito a criticidade, explicar conhecimentos em que os alunos já tenham uma experiência prévia, por exemplo, os cientistas não precisam saber filosofia para dedicar a investigação é preciso mostrar que será uma experiência de conhecimentos variados e diferentes.

Conseguir que o estudante reflita sobre conhecimentos científicos aprendidos compete, pois o professor de filosofia a tarefa de ajudar ao aluno não só explicitar a ontologia e a gnosiologia, mas tomar consciência de uma importante descoberta de que a realidade deve ser sensorial. O diálogo na didática da filosofia tem por objetivo conduzir o aluno à reflexão pessoal dos problemas e levar ao significado de cada uma das questões em estudo, dialogar é duvidar, analisar é sistematizar mostrar conhecimento feito por isso mesmo não construído pelo aluno que não aprende mais se limitar a meter na cabeça noções não ainda assimiladas, elabora uma síntese para discutir em sala de aula servindo para isso o diálogo que deixa de ser passado pelo concerto e passa serem fatos para o abstrato de definições.

Paulo Freire: Educação Bancária e Educação Problematicadora e a Filosofia

O ensino de filosofia nos tempos atuais pode ser comparado com a crítica que Paulo Freire fazia a educação conservadora e ao seu currículo escolar da sua época da qual ele intitulava como uma “educação bancária”, essa educação bancária é aquela em que o professor dono de todo o seu conhecimento e o aluno como se fosse algo vazio e adaptado a receber esse conhecimento de modo a que guarde decore esse conhecimento de forma que o aluno de formar alguma possa duvidar desse conhecimento ofertado. Assim Freire entende que esse conhecimento não vai ser válido, pois ele só irá decorar sem saber o verdadeiro sentido daquela palavra e sem compreender porque foi usada determinada palavra. Freire com seu pensamento inovador e depois de refletir sobre a educação que teve e a educação que existia no Brasil lança um novo tipo de educação menos tecnicista e mais aberta aos alunos a essa educação ele dar o nome de educação “problematicadora”. A educação problematicadora é aquela onde o professor não é dono do conhecimento e não só tem a função ativa da proposta de educação e nem o aluno como mente vazia só fazendo o papel de receber o conhecimento como função passiva, ou seja, ambos estão em constante aprendizagem e ensinamento fazendo com que o aluno e o professor aprendam juntos no constante diálogo dando voz e vez ao aluno também.

Freire explica:

Na visão bancária da educação, o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão. [...] O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez dessas posições nega a educação e o conhecimento como processo de busca. (FREIRE, 2005, p.67)

Mas com o contrario da educação tradicional Freire tenta desmontar uma barreira de não aceitação dessa forma de educação tradicionalista, reformulando conceitos e montando estratégias constrói uma educação inovadora que é dada o nome por ele de “Educação problematizadora” o estudante não é somente um integrante passivo de conhecimento, mas poderá ser um ser ativo de conhecimento não sendo só aquele que recebe o saber criando assim um debate professor-aluno, porem não se devem ter garantias de êxito nessa educação. No entanto pode haver modificações mais acessíveis a nossa realidade com as dificuldades existentes e com perspectivas inusitadas apenas sonhadas.

Da mesma forma se explica:

Na prática problematizadora, educador e educando se educam numa união comum mediatizados pelo mundo, através do diálogo, O educando, ao invés de passivo, passam a serem investigadores reflexivos e críticos, pois, quanto mais se problematizam, mais se sentirão desafiados e aptos a responder aos desafios. (Freire, 2005)

Com isso fica aceito se fazer filosofia para crianças e implementar para que as crianças possam filosofar tem que ser além das práticas do sistema, mas com a ajuda do professor auxiliando o aluno a cada passo dado sendo o ajudante de descobridor de saberes fazendo com que as novelas filosóficas de Lipman e as estratégias de ensino de Freire não fiquem só no papel e mesmo que não apliquem as mesmas façam de certo modo com que recebam improvisações na busca de um próprio conhecimento ou melhor um conhecer próprio das coisas.

Considerações finais

A proposta de educação para Lipmann não é um mero treino de habilidades, o que ele propõe é um diálogo, uma conversa, é o pensar sobre os diversos temas. É importante que o educador

conheça a habilidade de seus pensamentos, que saiba apreciar as habilidades dos seus educando. Os conteúdos programáticos são de muito valia, pois não se pode pensar sem o conteúdo, a formação humana, o que não pode é deixar acontecer que sejam apresentados conteúdos, apenas para que os alunos tomem como ciências.

Enfim, o que se busca a partir do trabalho realizado e das inquietações aqui colocadas é, em última instância, pensar na construção de uma filosofia que seja para criança, na medida de uma prática docente transformadora. Um processo educativo que vise à valorização do aluno

como ser humano e, a reconstrução de sua identidade. Sempre cabe colocar o educador enquanto mediador. E o que Lipmann tenta mostrar com a “Filosofia para Crianças”, é que os alunos “aprendam” a pensar, o pensar por meio da investigação, a argumentação e a criticidade na construção de um pensamento organizado, essa é função ou utilidade da Filosofia no espaço escolar.

Referências Bibliográficas

LIPMAN, Matthew. O Pensar na Educação. Tradução de Ann Mary Fighiera Perpétuo- Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. Filosofia para crianças? Disponível em: <http://ghiraldelli.wordpress.com/2008/07/10/filosofia-para-criancas/>. Acesso em: 04 jul 2013.